



## Capítulo 1 – Despertar da Luz - Filhos de Galagah

Os três guardas seguiam seus protegidos pacientemente pelo jardim que se encontrava entre o castelo e as muralhas. Alguns arqueiros, distribuídos em pontos estratégicos, observavam as três pessoas que eram escoltadas.

Na frente dos guardas, duas crianças pulavam e rodopiavam ao som da flauta que Vanliot, o bobo da corte, tocava habilmente. Eles seguiram pelo gramado baixo e pararam na sombra de uma imensa árvore de flores amarelas. Havia sido plantada há mais de 70 anos em homenagem à esposa do antigo rei. As crianças deitaram à sombra para observar o talento de Vanliot, que impressionava a todos. Fosse com a flauta, alaúde ou bandolim, o músico conseguia atrair pássaros para os arredores de onde tocava.

As crianças não eram menos conhecidas que o homem que as entretia. O garoto de quinze anos, loiro de olhos verdes, cujos músculos já começavam a se fazer notar, era Thomasil. Porém, qualquer um que não o chamasse de Thomas era duramente repreendido pelo jovem. A menina de cabelos também dourados possuía lindos olhos azuis e tinha um sorriso sem igual. Conquistando a afeição de qualquer soldado, servo, nobre ou camponês, Galatea, quatro anos mais jovem que o irmão, parecia inspirar vida e despertar o que havia de melhor naqueles que a cercavam. Ambos eram filhos de Airon Goldshine, rei de Galagah.

Os pássaros, como de costume, seguiam o som da melodia que Vanliot reproduzia em sua flauta e, em pouco tempo, a árvore estava repleta deles. Um, mais ousado, chegou até mesmo a pousar no chapéu marrom de abas largas do músico. Vanliot finalizou a música e sentou-se com o pássaro ainda em seu chapéu. Era um homem com quase quarenta anos, cabelos loiros encaracolados, olhos azuis e nariz torto, fruto de um mal entendido com Cião, o dono da estalagem “O Orc empalhado”. Guardou a flauta e iniciou sua aula.

– Sobre o que querem ouvir hoje? Vosso pai me fez prometer que ambos seriam capazes de conversar sobre um dos três assuntos antes que a Lua cheia comece seu ciclo.

O instrutor tirou o chapéu e fez uma careta ao observar que o pássaro fizera ali suas necessidades. As crianças riram alto. Ele então, estendeu o indicador e começou a enumerar os assuntos.

– Primeiro. Preciso ensiná-los o nosso calendário, das nossas semanas aos feriados.

Thomas riu e argumentou:

– Vanliot, conheço bem nosso calendário, estamos no quarto dia da Crescente, não? Você acha que Galatea consegue aprender o calendário em três dias?

A garota respondeu para o irmão mostrando-lhe a língua. O bobo da corte desdenhou o jovem príncipe e continuou:

– Segundo. Vocês devem aprender a história dos nobres de Galagah, o nome de cada um dos amigos de seu pai, das esposas dos amigos de seu pai e dos filhos e filhas das esposas dos amigos de seu pai.

Galatea fez uma careta que convenceu Vanliot imediatamente a relatar a terceira e última opção dos jovens.

– Terceiro. Podemos conversar sobre nossos deuses, assunto que já foi adiado por tempo demais. Está mais que na hora da minha pequena princesa conhecer a fundo o Dragão de Ouro para o qual faz suas orações todas as noites.

Galatea sorriu assentindo com a cabeça. Já Thomas deu de ombros. Eis um dos assuntos que menos lhe interessava. O jovem sonhava em ser um cavaleiro inspirado no exemplo do Lorde de Guerra, Módius. O bobo da corte interrompeu os pensamentos de Thomasil.

– Vejo que escolheram a terceira opção. Com qual deus começamos?

– Radrak! – gritou Galatea.

– Uranus ou Rauny! – discordou Thomas.

– Nada mais justo que iniciarmos por Radrak, nobre Thomas. – Vanliot fez reverência ao príncipe e sorriu completando – Afinal, em um mês realizará seu teste no templo para tornar-se o que nasceu para ser: um Campeão Sagrado, um Guardião da Vida, assim como todos os reis desta terra foram antes de você. Para isso, precisa reforçar o que já aprendeu sobre seu deus, Sir Thomasil.

O garoto corou de raiva e Vanliot ficou imaginando se foi realmente por ter dito seu nome correto ou se foi por causa de algo mais, pois circulavam boatos em toda a capital sobre a possibilidade do garoto não conseguir passar em seu teste, quebrando uma tradição de séculos ao se tornar rei sem ser um Guardiã da Vida. Thomas aprendera muito bem o manejo da espada, porém, negligenciava os estudos e, por mais que os sacerdotes se esforçassem, era difícil para ele prestar atenção aos dogmas de Radrak.

Vanliot se apressou, pois já havia perdido tempo demais brincando com os dois e era tarde.

– Radrak é o protetor de toda e qualquer forma de vida, seja a grama em que estamos, sejam as criaturas mágicas que nos assolam. Porém, a vida deve ser protegida e, por ser um deus bondoso, apóia a luta contra aqueles que ameaçam as criaturas viventes. Radrak, no entanto, respeita incontestavelmente a deusa da morte, Amupherus. Seus seguidores devem aceitar quando uma vida se extingue e o ciclo acaba.

Após uma pausa, para ter certeza de que as crianças o escutavam, continuou:

– Radrak também é senhor dos répteis ancestrais. Os dragões, que há milênios andam por nossas terras e voam por nossos céus, são protegidos e mantidos em paz por ele. Apesar de serem raros em Galagah, os dragões respeitarão um seguidor de Radrak em qualquer lugar que estejam.

Vanliot observou os olhos azuis de Galatea por alguns segundos, contemplando-a. Continuou:

– Infelizmente a vida é passageira e não há como falar dela sem falarmos da morte... Amupherus, a deusa dos Mortos e guia das almas. Não se deixem enganar pelo símbolo do Crânio com capuz que seus clérigos carregam no pescoço, pois a deusa dos Mortos não é maligna. – A expressão de dúvida nos dois jovens inspirou Vanliot a dar ênfase na explicação.

– Amupherus não mata, mas está presente na morte. Quando qualquer um de nós falece, independente do credo ou raça, a deusa Guia encontra nossa alma que, ao perder o corpo, deixa de ter ligação com este mundo. Ficamos então à espera da deusa dos Mortos para sermos levados até Panteon e, de lá, partimos para os Planos Superiores ou Inferiores.

– Panteon é o plano que possui as passagens para os Planos Superiores, onde os deuses bondosos moram. – interrompeu Thomas, para satisfazer a dúvida que viu na irmã mais nova quando Vanliot mencionou tal palavra.

Galatea concordou com a cabeça, Vanliot sorriu para ela e concordou:

– Exatamente, Thomas, para nossas almas rústicas em conhecimento é praticamente impossível encontrar essas passagens sem o auxílio de Amupherus. Devo lembrá-los que cada Plano Superior possui um deus. A deusa da Justiça é Rauny. A Senhora da Bondade e Misericórdia, Aisha. O deus da Magia e do Conhecimento, Uranus. O mesmo vale para os Planos Inferiores, morada do deus da Maldade e do Sofrimento, Orgul, que não merece atenção neste momento.

– A única exceção cabe a deusa da Natureza e mãe de Gaia, Enoa, que dizem ser a regente de nosso plano, nosso mundo.

– Cada um desses deuses e muitos outros, que mencionarei mais tarde, possui sua própria moradia. Cada um deles é dono de uma centelha das almas que andam por nosso mundo.

A cabeça de Vanliot, que antes encarava entusiasmado os jovens, voltou-se desapontada para o chão. Galatea e Thomas olharam para trás na procura do que decepcionara o dedicado instrutor. Mórdius caminhava da torre leste para o velho Ipê onde os alunos estavam. Galatea levantou-se de súbito e sugeriu a Vanliot, lançando um sorriso irresistível:

– Vamos fugir. Ele está de armadura e não nos alcançará!

Vanliot olhou para ela e sorriu. Respondeu desanimado:

– Minha querida princesa, muito me tenta um convite tão singelo e cheio de vida, mas creio eu que seja importante seguir nosso Lorde de Guerra. Ele veio buscá-los para sua mãe. Temo ter gastado mais tempo com a flauta do que com a lição.

– Novamente... – zombou Thomas, levantando-se.

– Eu gosto das suas músicas. – Galatea aproximou-se. – Vamos fugir.

Mórdius, sem muitas palavras, aproximou-se dos jovens. Era um homem sério. Servia a Galagah e ao rei já há vinte invernos. Por diversas vezes sangrou e por diversas vezes foi vitorioso. Era considerado o maior cavaleiro de todo o reino. Sua habilidade com a espada era lendária e sua armadura, adornada com dragões, era considerada abençoada por Radrak, pois o cavaleiro não se feria desde que a ganhou, na cerimônia em que foi nomeado Lorde de Guerra, título que lhe tornava o segundo homem em comando na ausência do rei.

Após cumprimentar o bobo da corte, Mórdius guiou as crianças rumo ao castelo. Vanliot sentou-se ao pé da árvore, observando os jovens alunos se distanciar. Pensou consigo:

– Essa menina fica com o sorriso mais lindo a cada ano... Peço aos deuses bondosos que sejam justos e permitam que este pobre homem passe mais tempo junto de tão bela alma. – Empunhou o bandolim e iniciou sua mais bela canção, composta especialmente para a jovem princesa.



Os preparativos foram feitos e, após um mês, a viagem que levaria Thomas a seu teste teve início. Ao anoitecer, duas carruagens reais partiram, do pátio do castelo, escoltadas por 30 cavaleiros que eram liderados pelo próprio Mórdius. Atravessaram as muralhas e desfilaram pelas ruas da cidade.

Na estrada rumo ao Leste, Galatea pôde observar a velha cabana no alto do morro oeste, local em que vivia uma velha senhora vítima das crendices do povo, que a considerava uma perigosa bruxa. A velha, porém, era somente uma herbalista que vivia ali junto de sua neta.

Ao fim do segundo dia de viagem, a escolta real finalmente saiu dos limites do reino de Galagah, entrando no reino pacífico de Zaron. Se tudo continuasse como estava, chegariam ao Templo da Luz Dourada ao amanhecer. Porém, pesadas nuvens de tempestade, que despejavam relâmpagos no horizonte, preocupavam Mórdius.

A Senhora da Natureza pareceu colaborar, afastando as nuvens e o tempo ruim, premiando os viajantes com uma bela noite de Lua cheia, que ajudou a vigília sobre o breve descanso da família real.

Ainda de madrugada, a escolta continuou a viagem. O Sol acolhedor surgiu à frente dos homens que rumavam para o Leste, ofuscando levemente a visão. Ao ganhar altitude, o Sol permitiu que os homens vissem a construção de pedra com três torres: as duas que se situavam nas laterais possuíam cerca de cinco metros e a que se encontrava ao centro tinha pouco menos que o dobro desta altura. Em frente ao Templo, duas estátuas de dragões guardavam o portal de entrada para as muralhas da edificação. A viagem havia acabado.

A primeira a saltar foi Galatea. A pequena garota saiu logo que a carruagem parou. Usava um vestido branco preso na cintura por um cordão dourado. Tinha os cabelos loiros soltos, exceto por duas tranças à margem do rosto inocente.

A rainha desceu logo após, recebendo o auxílio de Mórdius que a aguardava na frente da carruagem. Ela usava um vestido verde que realçava ainda mais seus olhos, donos desta mesma cor. O cabelo castanho claro estava preso por uma tiara de ouro e prata.

O rei surgiu na porta da carruagem logo após a rainha: trajava roupas leves de cores brancas com detalhes em dourado e prata e ainda tinha sobre os ombros uma capa dourada. Era um homem forte e imponente, cujo queixo, largo, estava oculto por uma vasta barba loira e grisalha, semelhante aos seus cabelos, à altura dos ombros. Seus olhos azuis, irradiavam um brilho fascinante, repletos de orgulho. Era, sem dúvidas, um homem abençoado por Radrak, clamado Guardião da Vida, um virtuoso Campeão Sagrado. Ostentava ainda, presa à cintura, a Ruína dos Mortos, uma espada sagrada capaz de guiar os mortos que insistem em não partir de volta a Amupherus e, conseqüentemente, ao descanso eterno.

Galatea, admiradora incondicional de seu pai, voltou-se para ele rapidamente e se pôs ao seu lado para acompanhá-lo como um escudeiro fiel. Imaginava-se uma campeã de seu deus, tal como o pai. Embora ele a proibisse de aprender a arte da esgrima, em seus sonhos podia ser a fúria do deus da Vida e a ruína dos que ameaçavam os inocentes. Era, então, uma heroína sem igual.

O rei olhava para o interior da carruagem à espera de seu filho mais velho, hesitante em deixar seu lugar, logo pronunciou com voz terna e cativante:

– Venha meu filho, não está aqui para ser julgado. Sei o quanto se esforçou e sei do que é capaz. Não o traria para este teste se não soubesse que você estaria pronto. Basta confirmar o que já sabemos. Venha.

O rei estendeu a mão para o filho, que apareceu com um sorriso mais animado à porta da carruagem. Trajava unicamente um manto branco com capuz, preso na cintura por um cordão dourado. Os cabelos curtos estavam bagunçados, aspecto corrigido pela rainha logo que o jovem colocou os pés no solo firme.

Airon fez sinal com a cabeça para Mórdius. A escolta, junto à família real, começou a marcha em direção às portas do templo. A poucos metros das grandiosas portas de madeira, o rei Airon ergueu a mão em sinal para que todos parassem. Como se num ritual, andou até a porta e parou, levou a mão ao cabo da Ruína dos Mortos e a desembainhou.

Thomas e Galatea já haviam visto a espada desembainhada inúmeras vezes, mas jamais deixavam de se fascinar com o sentimento de proteção e santidade que aquela visão lhes causava. A lâmina da espada emitia uma forte luz branca que se esvaía

como se fosse uma leve fumaça. Ambos sabiam que nas mãos de qualquer outro aquela espada seria apenas aço, mas, nas mãos de um Campeão Sagrado, seu poder era desperto e a luz sagrada, emitida.

O rei levantou, com ambas as mãos, a espada à altura dos olhos e com a lâmina voltada para baixo, recitou com sua voz imponente:

– Eu, humilde servo da vida, torno ao local em que fiz meus votos. Trago comigo uma nova estrela que merece vossa atenção. Clamo por vós, glorioso senhor da vida, para que abri as portas de vossa casa e nos banhai com vossa luz dourada de bondade e sabedoria. Aceitai este que trago para o vosso teste e dai-lhe a chance de tentar ser um dos vossos flagelos.

A porta rangeu e, após um estalo, como se a madeira estivesse se rompendo, abriu-se para dentro, partindo-se ao meio e revelando várias pessoas com mantos brancos, exceto por poucos, mais ao fundo do templo, que possuíam vestimentas douradas.

Galatea observava tudo com olhos atentos. Os cavaleiros assistiam àquilo, fascinados. Módius pareceu lembrar-se de algo triste naquele momento. Airon Goldshine colocou o joelho esquerdo no solo, baixou a cabeça e ergueu a espada, deixando a lâmina na horizontal, em oferenda.

Um homem de manto dourado aproximou-se e tomou a espada do rei proclamando:

– Tua oferenda é bem-vinda, irmão, entra junto de teus convidados e apresenta ao sumo sacerdote o teu indicado.

O homem virou-se de costas e começou a caminhar para o altar. Airon levantou-se, indicou à família e aos cavaleiros para que adentrassem o templo e se posicionassem ao fundo. Segurou então Thomas pelo ombro direito e perguntou ao filho:

– Pronto para ser escolhido?

Thomas assentiu com a cabeça. No último mês preparou-se como nunca e tinha os dogmas de Radrak na ponta da língua. O rei o colocou ao seu lado e iniciou a caminhada seguindo à distância o homem que levava a Ruína dos Mortos.

O sacerdote, logo que chegou ao altar, entregou a espada sagrada ao sumo sacerdote. Em suas mãos, a espada emitia uma luz ainda mais forte, porém dourada, iluminando todo o salão.

Ele era um homem alto e magro, tinha cabelos cor de ouro que iam além de seus pés, arrastando-se pelo chão. Os olhos e unhas também eram dourados e a simples aproximação física fez Thomas tremer. O Sacerdote possuía uma forte aura de bondade e sua visão podia ser descrita com uma única palavra: Sagrado.

Thomas postou-se à frente de seu pai. Sentia-se mais confiante, pronto para abraçar seu destino como Guardiã da Vida e futuro rei de Galagah. Ajoelhou em reverência ao sumo sacerdote e aguardou.

Sua voz ecoou no salão, chegando até os ouvidos mais distantes. Galatea arrepiou-se e sentiu os olhos lacrimejarem ao ouvi-la. A pequena princesa fechou os olhos para tentar entender a sensação crescente que tinha em seu peito a cada palavra pronunciada:

– Eu, Emua Peri Racco, Sumo Sacerdote do Templo da Luz Dourada, humilde servo do deus Radrak, recebo-te, Thomasil Goldshine, na morada dourada do senhor de nossas almas. Levanta-te e venha ao nosso altar, se vieste a Radrak de livre e espontânea vontade.

Galatea perdeu o equilíbrio e teria caído, não fosse por sua mãe. Sentia o coração bater forte e algo inexplicável parecia se apossar de seu ser, um sentimento de que nada mais faltava, um sentimento de alegria e satisfação indescritível. Era como se algo muito bom estivesse próximo.

Envolta nesse sentimento, pôde perceber que um homem vestido de forma diferente dos outros a observava. Ele trajava manto e capuz marrom e possuía uma bela espada presa na cintura. O rosto coberto deixava uma única pista: uma fina trança de cabelo castanho que ia até seu peito. A sensação de plenitude, porém, não vinha dele, mas de todo lugar.

A voz de Emua Peri Racco ecoou novamente. A princesa voltou seu olhar e viu o irmão no altar, ajoelhado em frente ao sacerdote, que tinha as mãos sobre sua cabeça e recitava uma prece na língua dos dragões. Terminada a prece, prosseguiu na língua comum:

– Levanta-te, jovem Goldshine. Teu primeiro teste é simples. Pegue a espada de teu pai sobre o altar e erga-a sobre tua cabeça. Se todos os atributos de um Guardiã da Vida repousarem sobre tua alma, então a espada o reconhecerá.

Thomas levantou-se e estendeu a mão para o altar. Olhou para o pai que acompanhava tudo de perto e segurou a espada. Girou-a habilmente em torno da cabeça e a ergueu.

Galatea acompanhou cada movimento do irmão. Olhou novamente para o homem de manto marrom, mas ele havia sumido. O sentimento que lhe enchia o peito pareceu esvair-se e sumiu por completo. Um silêncio estranho dominava o salão do templo.

Airon Goldshine não acreditava no que via. Seu filho havia sido iniciado segundo os preceitos de Radrak e, criado sob seus dogmas, podia ser chamado de fiel seguidor. Thomas adorava seu deus e, acima de tudo, queria servir-lhe como o pai o fazia.

Mas ele permanecia no altar, imóvel, com a espada sobre a cabeça e nada acontecia: era apenas aço. Radrak estava sendo injusto em não aceitar... Não. Airon não podia permitir ofuscar-se pela decepção, Radrak não era responsável por aquilo. Seu filho havia falhado.

Emua colocou a mão sobre o ombro de Thomas e falou algo para o jovem príncipe. O mesmo olhou para o pai e, deixando escapar uma lágrima, teve tempo de ensaiar um “desculpe-me”. Emua pronunciou-se:

– Airon Goldshine, teu filho Thomasil Goldshine não se tornará um Guardiã da Vida, seu destino é outro.

O homem de cabelos longos, cor de ouro, pegou a espada e colocou novamente no altar. Depois pegou a mão de Airon e colocou-a no ombro do filho, pegou a mão de Thomas e posicionou-a sobre a mão do pai e continuou:

– Ninguém é culpado aqui e que a discórdia seja levada pelos ventos e a vida defendida por todos. Vocês têm minha bênção.

Airon, ritualisticamente deu dois passos para trás, ajoelhou-se em respeito ao altar e guiou o filho até a saída do templo.

Os cavaleiros acompanharam o rei, assim como a rainha e Galatea. Quando todos estavam fora do templo, Mórdius veio em consolo do rei ferido:

– Senhor...

O rei interrompeu-o com um olhar. Mórdius jamais o vira chorar, mas seus olhos mostravam que seu amigo estava à beira disto. O rei pronunciou:

– Vamos voltar para Galagah imediatamente.

Galatea correu para o pai e segurou-lhe a mão dizendo:

– Deixe-me segurar sua espada, papai. Eu não vou falhar, eu prometo.

O rei a olhou e ajoelhou-se e, contendo as lágrimas da tristeza, tentou não ser rude com a filha:

– Querida, você não realizará teste algum. Thomas tentará de novo quando estiver pronto. Não se preocupe.

– Airon... Ele não...

O rei levantou-se para advertir aquele que se dispunha a tirar-lhe as esperanças, mas conteve-se quando viu de quem se tratava. O misterioso homem na veste marrom estava parado a poucos passos do rei. Galatea se curvara para tentar ver por baixo de seu capuz. O estranho continuou:

– Ele não ficará pronto. Há nele um grande espírito, meu amigo, e tenho certeza que Mórdius o treinou muito bem com a espada. Eu lamento. O que falta a teu primogênito ninguém poderá lhe dar e pelo que vi nos olhos de teu filho, ele não conseguirá sozinho. Outra missão foi-lhe reservada. Aceite...

– O que faltou a Thomas, senhor? – Galatea intrometeu-se, abrindo um sorriso por conseguir distinguir um rosto por baixo do manto. O homem era jovem, não aparentando ter mais que vinte anos e seus olhos eram dourados e emitiam um fraco brilho.

– Ethan, deixe-me por ora. – disse o rei, aflito.

O homem apenas acenou com a cabeça e estendeu ao rei a sua espada. Em suas mãos, assim como na de Airon, a Ruína dos Mortos emitia a luz sagrada. Airon a segurou e, após colocá-la na bainha, puxou a filha para a carruagem onde Thomas e a rainha já o aguardavam.

Galatea percebeu que o pai não conseguia encarar o seu irmão e, devido ao clima pesado, buscou refúgio na janela da carruagem. Viu o tal Ethan olhar para ela e responder sua pergunta movendo os lábios de modo a formar uma única palavra: Fé.

Observou-o enquanto a carruagem se afastava, depois vislumbrou o templo ficar pequeno à visão. Por fim, adormeceu em meio ao silêncio que afligia a família real.



Exceto por uma furiosa tempestade que os alcançou no último dia de viagem, o restante da jornada havia sido tranqüila.

O rei permanecera quieto, com olhar triste e mente distante. Seus pensamentos eram interrompidos unicamente por Galatea que, vez ou outra, arrancava um sorriso do pai. Thomas retornou para casa, apático, não por ter falhado no teste, mas por não ter a mínima idéia de como lidar com a decepção do pai.

Poderiam ter prestigiado a capital de Galagah sob o seu belíssimo pôr do Sol no momento em que chegaram, não fosse a pesada chuva que parecia refletir a alma do soberano ferido.

Somente ao entrar no castelo, ele se pronunciou a Thomas:

– Descanse meu filho. Amanhã, se quiser falar comigo, estarei pronto para te escutar.

O rei não tardou em dar-lhe as costas. Estavam no hall principal do castelo e, atrás de Thomas, as pesadas portas de madeira e aço rangiam com o vento. O saguão era imenso, com tapeçarias de diversas cores nas paredes, ornamentadas com homenagens aos antigos reis, todos Campeões Sagrados, Guardiões da Vida.

O príncipe observou seu pai passar ao lado da escada que levava ao segundo e terceiro pavimentos, local onde se situavam os aposentos reais. Seguindo reto pelo corredor frontal que dava acesso à sala de armas e ao templo interno de Radrak. A rainha tentou impedi-lo:

– Airon, venha descansar, a viagem exauriu todos. Não é hora para orar.

Ele parou para responder, mas a própria Galatea antecipou:

– Não existe hora para orar, mamãe. Os deuses não dormem.



Airon empurrou a porta e, passando pela antessala, vislumbrou a pequena capela de seu deus. O chão tinha o mosaico de um imenso Dragão de Ouro, as paredes, tapeçarias com desenhos que retratavam o nascimento e a renovação da vida. O altar nada mais era que uma pilastra de um metro que tinha fixo em sua ponta uma escama dourada pouco maior que o tronco de um homem forte. A maior dentre as tapeçarias se encontrava atrás do altar, pintada com o símbolo que Airon havia aprendido a respeitar. O símbolo no formato de um dragão que continha a Luz de Radrak no centro.

O soberano caminhou até o centro do pequeno templo e parou diante de um dos sete suportes de espadas que estavam espalhados ao longo do salão. Retirou a Ruína dos Mortos da bainha e fez sua luz sagrada se espalhar por todo o templo. Ajoelhou-se e a colocou no suporte de madeira, deixando-a em posição horizontal à altura de seu queixo. A luz desvanecia ao perder o toque do Campeão Sagrado.

Começaria a orar se não percebesse os passos leves dos pés descalços que se aproximavam. Advertiu então o invasor com um olhar paterno:

– Deve ir descansar querida, passarei a noite em meditação. Vá até tua mãe e peça-lhe que te coloque na cama.

A criança em súplica correu e abraçou o pai, pedindo-lhe:

– Deixe-me ficar com o senhor, papai.

O rei, impotente mediante tal pedido, assentiu parcialmente com a amada filha:

– Uma única oração e deixará este guerreiro conversar com seu deus sozinho. – Galatea adiantou-se e se ajoelhou ao lado do pai e, ao observar-lhe sorridente, olhou para a espada sagrada. Quando seu sorriso sumiu e sua testa franziu, o rei apenas aguardou a pergunta que já ouvira tantas vezes.

– Porque não posso aprender a manejar a espada e o Thomas pode?

Airon suspirou profundamente antes de responder:

– Querida, o caminho da espada é penoso e injusto. Se pudermos evitá-lo devemos fazê-lo. Peço a ti que prefira orar pelas vidas que desaparecem a cada dia, a sangrar para que deixem de desaparecer. Jamais desejaria vê-la sangrar, sofrer, ou pior, jamais me perdoaria se teus inocentes olhos e teu sorriso angelical sumissem para não mais retornar, após presenciarem o horror de um combate de vida ou morte. Minha resposta continua sendo não. Agora ore comigo.

Ambos baixaram a cabeça e começaram a orar. Mórdius havia chegado neste momento e, ainda trajando sua armadura pesada, aguardou o término da primeira oração para chamar a atenção do rei.

Airon, ao percebê-lo, levantou-se e foi descobrir o que o amigo desejava. Galatea viu-se então sozinha enquanto os dois adultos conversavam em voz baixa e pôde distinguir uma única palavra de seu pai que, preocupado, pronunciou-a alta demais: Enelock.

O simples nome fez Galatea tremer, mas logo o medo cessou, pois sabia que seu pai podia protegê-la e a toda Galagah. Ele e a Ruína dos Mortos eram imbatíveis. A lâmina, que repousava na sua frente, refletiu seu rosto chamando sua atenção. Qual seria a sensação de tocar uma Espada Sagrada? Seria igual ao que sentiu no templo?

Airon, preocupado com o relato que acabara de receber, baixou a cabeça para pensar no que faria a respeito da notícia que lhe foi trazida. Olhava para o chão quando uma forte luz dourada inundou o salão.

O soberano não se moveu, mas seus pensamentos fugiram subitamente, demorando um pouco para que entendesse o que sentia. Vagarosamente ergueu os olhos e moveu a cabeça em direção à origem da luz. Galatea havia empunhado sua espada e, ao contrário de tudo que o rei aprendera, ela respondia ao toque da criança como se empunhada pelo próprio Emua Peri Racco.

Galatea viu o pai olhando-a pasmo e largou a espada no chão, temendo a represália. A luz cessou de imediato.

Demorou alguns segundos até que Airon percebesse, emocionado, que aquele era um sinal divino. A energia sagrada da espada pulsara em sua forma mais pura quando empunhada por sua filha. Era como se ela já fosse uma Campeã Sagrada. Não conseguia entender como. Galatea abaixou-se e segurou a espada para colocá-la de volta no suporte. Novamente a energia pura e dourada preencheu o local.

O rei olhou para o seu Lorde de Guerra que estava boquiaberto e voltou a olhar para a filha. Galatea já tinha os olhos cheios de lágrimas e ensaiava nos lábios o pedido de desculpas quando Airon respirou fundo e encontrou coragem para falar:

– Galatea minha criança, você... – dizia o rei, mas faltou-lhe fôlego. Respirou novamente e continuou: – Você não fez nada de errado... – respirou fundo para subjugar as lágrimas que lutavam para descer por seu rosto.

Com passos largos a alcançou e, abraçando-a, encarou o altar com o livro sagrado, explicando-lhe então:

– A espada brilhou em tua mão como um sinal de nosso deus. Você foi escolhida para ser uma Guardiã da Vida, ou algo mais, indicada pelo próprio Radrak. Tenho muito orgulho de você, minha querida. Muito orgulho.

Airon a manteve em seus braços por alguns poucos minutos. Em seus pensamentos lembrou-se de uma tragédia do passado e com os olhos cheios de lágrimas declarou:

– Você será especial. Ele é sábio e eu me curvo humildemente em reverência à sua sabedoria divina.

Afastando o rosto, encarou-a e depois de um beijo na testa, pediu-lhe:

– Já é tarde e sua oração está feita. Mórdius a levará até seu quarto.

O cavaleiro estendeu os braços àquela, que correu em sua direção, erguendo-a no colo. O rei beijou-a novamente e completou com um sorriso no rosto e os olhos cheios de lágrimas:

– Minha querida, percebo que pediu em suas preces para aprender o manuseio da espada. Você foi ouvida e, por isso, o próprio Mórdius a treinará. Mas por hoje, descanse.

Galatea sorriu e desejou ter pegado a espada do pai antes. Mórdius saiu do templo com a criança nos braços e sorriu para ela como se satisfeito por finalmente poder ensiná-la. Ainda no corredor, a criança pôde reconhecer o vulto de Vanliot, que se aproximava.

Ele a cumprimentou com um abraço que envolveu até mesmo o cavaleiro que a levava. Arrancou-a dos braços de Mórdius e girou-a no ar, sorridente e cantarolante. Ela contou-lhe a novidade:

– Vou aprender a lutar! Serei uma Campeã Sagrada!

Vanliot cessou o rodopiar e olhou para Mórdius com preocupação. Mórdius apenas concordou:

– Tenho ordens do rei para torná-la a melhor espadachim deste reino. Ela foi escolhida por Radrak para se tornar aquilo que o príncipe não foi capaz de ser.

O Bobo da Corte sorriu amargamente e devolveu-a para Mórdius e, despedindo-se da adorável criança, foi de encontro ao rei. Abriu a porta do templo e o viu ajoelhado a orar. Não esperou muito para perguntar de modo insolente:

– Levará nossa princesa inocente para o vale da dor e decepção?

Airon apenas encarou o amigo e respondeu-lhe:

– O destino dela distanciou-se de minhas mãos e das suas. Não há nada a fazer, exceto manter a fé em Radrak.

Vanliot, sem argumentos, fechou a porta bruscamente, permanecendo do lado de fora do templo. Suas pernas tremiam. Então deixou o corpo escorregar pela parede até atingir o chão.

Ajoelhado, levou as mãos ao rosto, curvou-se de modo a encostar a cabeça nos joelhos e, deixando fluir a dor que sentia como há muito já esquecera, chorou. A princesa havia despertado.

Nunca acreditamos que nossos filhos vão partir.

*Por Leandro Reis Almeida*  
*Trecho do livro **Filhos de Galagah***  
*Crônicas de Grinmelken*  
[WWW.GRINMELKEN.COM.BR](http://WWW.GRINMELKEN.COM.BR)